

ESTRANGEIRISMOS: VESTÍGIOS DE PODER DA LÍNGUA INGLESA

Sonia Maria da Fonseca Souza¹, Cláudia Gualberto Borges², Jônatas Guimarães da Silva³, Priscila Banca Rabelo⁴.

1- Professora Mestre de Língua Inglesa, Leitura e Produção Textual e Orientação de Trabalho de conclusão de Curso da Universidade Iguazu – UNIG – Campus V – Itaperuna, RJ. Brasil. Email sonifon1@hotmail.com

2-Graduanda do Curso de Letras do Centro Universitário São José (UNIFSJ), em Itaperuna/RJ. Brasil.

3-Graduando do Curso de Letras do Centro Universitário São José (UNIFSJ), em Itaperuna/RJ. Brasil.

4-Graduanda do Curso de Letras do Centro Universitário São José (UNIFSJ), em Itaperuna/RJ. Brasil.

RESUMO

Com a crescente influência de línguas e culturas externas em nosso país, devido à globalização, pode-se observar que os estrangeirismos se encontram a cada dia mais inseridos em nossa língua. No entanto, a soberania da Língua Inglesa e a forte presença dos Estados Unidos da América no mundo, fazem com que os anglicismos sejam predominantes no Brasil, se comparados com a quantidade de palavras oriundas de outras línguas. Sabe-se que existem vantagens com relação ao uso dessas palavras e expressões, mas que também possuem um lado negativo, assim como defendem alguns autores aqui estudados, de acordo com Paiva (1998), Garcez e Zilles (2001), Faraco (2001), Bagno (2001) entre outros, que mostram essas duas vertentes. O presente trabalho tem por objetivo discutir a questão dos estrangeirismos na Língua Portuguesa, levando em conta a influência da Língua Inglesa na sociedade e avaliar sua interferência na língua materna. Sendo assim, pôde-se constatar que as vantagens do uso destas expressões estrangeiras sobrepujam seus possíveis pontos negativos e que a influência da Língua Inglesa em nosso país e o uso de palavras oriundas desta língua, dentro dos limites, não interfere para a soberania da Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Globalização. Estrangeirismo. Língua inglesa. Neologismos.

ABSTRACT

With the growing influence of foreign languages and cultures in our country due to globalization, it can be seen that the foreign words are every day more embedded in our language. However, the sovereignty of the English language and the strong presence of the United States in the world, make the anglicisms are predominant in Brazil, compared with the number of words derived from other languages. It is known that there are advantages regarding the use of these words and expressions, but they also have a downside, as well as defend some authors studied here, according to Paiva (1998), Garcez and Zilles (2001),

Faraco (2001) , Bagno (2001) among others, which show these two aspects. This paper aims to discuss the issue of foreign words in Portuguese, taking into account the influence of English in society and assess its interference in the mother tongue. Thus, it could be seen that the advantages of using these foreign expressions outweigh its possible negative points and that the influence of English in our country and the use of derived words of that language, within limits, does not interfere to the sovereignty of Portuguese language.

Keywords: Globalization. Foreignness. English language. Neologisms.

INTRODUÇÃO

Quando se analisa os componentes e diversidades que permeiam a Língua Portuguesa não se pode deixar de destacar uma forte manifestação e influência de outras culturas dentro desse idioma. Palavras e expressões oriundas de outras línguas têm o seu uso cada vez mais frequente em nosso cotidiano, graças aos meios tecnológicos e a globalização.

No atual contexto histórico sócio econômico, em meio à pluralidade e complexidade de línguas e linguagens, o Inglês distinguiu-se como o idioma universal da era da comunicação, da informática e da tecnologia avançada. Os estrangeirismos se tornaram tão importantes que estão passando a ser dicionarizados, por serem tantas vezes usados, e por estarem presentes em nossa língua a todo o momento, trazem questionamentos sobre até que ponto a adoção desses termos seria benéfico ou prejudicial, interferindo em nossa estrutura lingüística, daí a relevância deste tema para estudo. Partindo dessa análise o presente trabalho pretende levantar a seguinte questão: Os estrangeirismos são prejudiciais para a Língua Portuguesa?

Esta pesquisa busca apresentar um estudo bibliográfico em livros, artigos periódicos e material *online* para discutir o estrangeirismo na Língua Portuguesa levando em conta principalmente a influência da Língua Inglesa e sua interferência na língua materna.

A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO SOCIAL E CULTURAL

A língua tem sua importância desde o início da comunicação, quando o homem aprendeu a identificar e reproduzir sons à sua maneira. Iniciando-se assim, o principal meio de comunicação: a fala. Sabe-se que os homens já possuíam uma forma de se comunicar, entretanto a fala foi criada, pois se percebeu que a linguagem outrora utilizada não era suficiente.

É através da língua que os seres humanos têm a capacidade de se relacionar de maneira mais eficiente, e pela linguagem, sejam elas orais, escritas, gestuais, etc.

A sociedade, portanto, se estabelece a partir da troca de conhecimentos e que só é possível através da linguagem que é representada pela junção de língua e cultura.

De acordo com Maingueneau (2002, p. 41), a linguagem seria a capacidade de comunicação oral, e as línguas seriam as formas particulares por meio das quais cada comunidade, cada sociedade ou grupo social realiza a linguagem. A questão do social, portanto, está diretamente ligada à noção de língua, porque é a noção de sociedade que vai permitir a delimitação desse particular que é a língua, à vista do universal que é a linguagem.

A língua é um conjunto de sinais que exprimem ideias, meio pelo qual uma dada sociedade concebe e expressa o mundo que a cerca. Pois se entende a língua sendo um código que se encontra em constante transformação, então à medida que o homem amplia seu conhecimento e seu relacionamento com o mundo, ocorrem as adaptações e as alterações para atender a necessidade de seus falantes. Tal aprimoramento da capacidade de comunicação acompanha a evolução humana.

Com relação ao papel social da língua, este é compreendido como um sistema de signos dos quais membros de uma sociedade interagem entre si, possibilitando a comunicação, sendo este o papel mais importante da língua em âmbito social. Para Hall (2006, p. 40) a língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido simples, ser seus autores. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa cultura e em nossos sistemas culturais.

Assim, quando se fala na língua de um povo, também pensamos no que diz respeito à sua cultura. Mas até que ponto língua e cultura se relacionam? Toda nação, todo povo possui cultura. Segundo o dicionário Aurélio (2001, p. 197) “Cultura compreende o complexo de padrões de comportamentos, das crenças, das manifestações artísticas, intelectuais etc., transmitidos coletivamente e típicos de uma sociedade”.

Ainda de acordo com Taylor (1998, p.18): “Cultura é aquele todo complexo que compreende o saber, a crença, a arte, a moral, o direito, o costume, e quaisquer outras qualidades e hábitos adquiridos pelo homem na sociedade”. Na visão de Cadore (1996, p.10), língua “é um sistema de signos que serve de meio de comunicação entre os membros de uma comunidade linguística.” E segundo o dicionário Aurélio (2001, p. 427): “Língua é o conjunto

de palavras e expressões, faladas ou escritas, usadas por um povo, por uma nação e o conjunto de regras de sua gramática”.

Dessa forma, ao considerar que é principalmente através da língua que o homem conserva e transmite seus valores e costumes para as gerações futuras pode-se dizer que, língua e cultura mantêm uma relação tão complexa a ponto de não ser possível delimitar onde uma acaba e outra termina.

A cultura é uma das maiores riquezas de um povo, pois compreende o que ele é, compreende ainda, um conjunto de conhecimentos, que pode ser transmitido de geração a geração, sendo assim a língua de uma sociedade reflete seu jeito de ver o mundo, e através dela observa-se determinados aspectos como costumes e valores sociais.

De certa forma até mesmo a distinção de alguns grupos e regiões podem ser observadas através dessas características linguísticas. Essa variação pode ser descrita como um fenômeno pelo qual, diferentes grupos sociais interagem, em uma época e em certo lugar ou região. No Brasil, pode-se observar essa variação linguística em determinadas regiões, como no Sul e no Nordeste, por exemplo, em relação a outras regiões do país.

A língua nunca é idêntica ao que ela é em outra época e outro lugar. Ou seja, tanto fatores econômicos, sociais, históricos, regionais e culturais influenciam na linguagem e na fala de pessoas de um mesmo país, que possuem o mesmo idioma, mas que, no entanto carregam consigo traços específicos em sua fala.

Inúmeros países são levados a se relacionar com outros, muitas vezes por fatores sociais, financeiros ou por outras razões, gerando conseqüentemente influências culturais, adquirindo assim culturas diversas.

O Brasil não escapa a esse fato, por ser uma nação que recebeu influência de vários povos como os Portugueses, os Franceses, os Holandeses, os Italianos, Africanos, entre outros, e além de inúmeros imigrantes, cada um trazendo consigo traços culturais e linguísticos.

Portanto, há um entrelaçamento entre língua e cultura, e até mesmo um paralelo, uma vez que uma língua que é falada por um povo, faz parte da cultura deste mesmo povo e através dela, também, é manifestada sua expressão cultural. Então, quando há algum contato entre duas línguas diferentes, por exemplo, isso acaba gerando uma situação de influência dentro da própria cultura.

A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA INGLESA NO CONTEXTO SOCIAL E ECONÔMICO

O contato com outras línguas proporciona ao ser humano inúmeras possibilidades de visão de mundo e de diferentes culturas, além de permitir o acesso à informação e à comunicação internacional.

A língua inglesa adquiriu grande importância com o passar do tempo, e hoje, se tornou um instrumento de conquista, abrangendo diversos setores da sociedade capitalista de consumo o inglês é a língua que predomina no mundo globalizado.

No Brasil, como em vários outros países o inglês se evidencia não só devido a fatores sociais e econômicos, mas também graças aos avanços tecnológicos e científicos.

Com a globalização o inglês se tornou o idioma mais influente e disseminado no mundo. Há uma busca crescente para aprender inglês que está se espalhando por todo o planeta. Essa língua sem fronteiras se encontra presente em milhares de jornais pelo mundo, em meios comerciais, econômicos, além de ter se tornado essencial na escala de inúmeras profissões.

Nesse sentido, vale ressaltar, que o estudo da língua inglesa se tornou indispensável, o valor que se atribuiu ao aprendizado de idiomas vem sendo amparado nas escolas, pois além de propiciar o acesso a outras culturas, vislumbra uma educação ampla e necessária a formação de qualquer pessoa.

Sobre a visão de Bedim (2000, p. 14-15) é indispensável oferecer o ensino de línguas, pois para ser cidadão atuante é preciso ser capaz de comunicar-se não apenas na língua materna, mas também em uma ou mais línguas estrangeiras. O ensino de idiomas ainda contribuirá, sobretudo, para despertar o aluno para o pluralismo linguístico e cultural, para as variadas formas de comunicação. É quase inconcebível a educação global do indivíduo sem o aprendizado de outra língua. Afinal, a compreensão da realidade do mundo que nos cerca pode começar numa aula de inglês.

No entanto, o ensino de línguas estrangeiras nas redes públicas do Brasil, ainda se encontra muito longe de satisfazer as exigências do mercado de trabalho. É urgente que haja uma reflexão crítica e que mudanças aconteçam revendo as bases teóricas que vêm alicerçando o ensino de línguas na educação escolar, buscando uma excelência em meio à complexidade de códigos, línguas e linguagens. Renovar para que se tenha um ensino de melhor qualidade, para que os jovens possam, ao se formarem no ensino médio, ter melhores condições para ingressar em um curso superior e em um mercado de trabalho exigente, marcado pela multiculturalidade.

É inegável a expansão da Língua Inglesa no Brasil e no mundo devido à presença hegemônica dos Estados Unidos, e a marcante influência econômica e cultural.

O Inglês tornou-se a linguagem global porque se tornou parte vital da economia, cultura e sociedades internacionais. Hoje é um passaporte para o mundo, desempenhando grande função em vários setores, não só no campo da ciência e da tecnologia, mas também no mundo dos negócios; é o idioma dos congressos, das convenções, da Internet; é a língua usada para a comunicação universal. Além disso, a economia faz do inglês a língua mais importante nas relações comerciais com parcerias no exterior.

Dentro dessa concepção não é difícil notar que a influência da língua inglesa se encontra em todo lugar: em anúncios, quadros de avisos, marcas de roupas, carros, letreiros, nomes de lojas, músicas estrangeiras e nacionais, camisetas, filmes, adesivos, desenhos animados, jornais e revistas. Sinais esses que confirmam que o idioma inglês circula entre nós como mercadoria de alta cotação no mercado.

Publicações em jornais brasileiros com nomes americanos também são comuns, além das expressões e propagandas, da mesma forma acontece com as revistas, que também trazem termos ingleses, em seus anúncios, o tema de uma matéria, ou até mesmo uma publicação totalmente em inglês. No que se refere à comunidade científica, por exemplo, é comum fazer a publicação de uma revista em inglês. Paiva (1998, p. 17) afirma ao declarar que:

Há já muito que as multinacionais não se dão ao trabalho de traduzir, ou sequer adaptar a ortografia de nossa língua, os nomes de seus produtos e/ou marcas registradas. Isso se compreende: para elas a ideia de um mundo só e não uma utopia solidarista, mas uma conveniência comercial. Mas eis agora que empresas brasileiras começam também a falar inglês de *marketing*. Basta ler, nos jornais de domingo, os anúncios de imóveis, particularmente de edifícios de preços mais ou menos. Neles, você tem o privilégio de desfrutar de um *penthouse garden*, dormir numa *suite master*, dispor de *flat service*, lanchar num *coffee shop*, bronzear-se no *deck* da piscina ou bebericar no *wave bar*, enquanto seus filhos ficam no *playground* e o seu carro no *wash car box*. Depois você vai para o seu *first class office* em algum comercial *building* e mourejar até o *happy hour* em que no *American bar* pode fazer um relax ao som de um *stereo system* tomando seu scotch ou na pior das hipóteses, *whisky*, que uísque é coisa que só dicionarista aguenta beber[...]

Além disso, uma infinidade de aparelhos domésticos, que são comprados atualmente trazem em seus manuais de instrução termos técnicos em inglês. Dessa forma, comumente, no aparelho ou manual encontra-se termos como *Power* ou *Play* ao invés de Liga, Stop no lugar de Pare ou Desligue, *Open/Close* para abrir e fechar uma gaveta de *Compact Disk* (CD), *Stand By* para colocar o aparelho em modo de espera, *Tunning*, etc. O mesmo acontece com os *video games*, todos com marca nesse idioma: *Mega Joy*, *Play Station*, *Dynavision*, *Gun*

Boy entre outros. Alguns de nossos alimentos hoje também são atingidos trazendo marcas como *Qualy, Waffles, Chips, Cream Cracker, Claybom* etc. Quando uma pessoa vai a uma lanchonete, para fazer ou comprar um lanche, pede um *hot-dog*, um *hamburger*, *cheeseburger*, acompanhado de uma *Diet Coke*.

Caminhando pelas ruas, não apenas nos grandes centros, mas mesmo em cidades pequenas, pode-se encontrar vários estabelecimentos comerciais, portando nomes originários do idioma inglês: *Leader, Magazine, Play Music, City Shoes, High Vision*, além de academias de ginástica, bares restaurantes. O que seria, na verdade, um “centro de compras” em português, passou a ser denominado *shopping Center*.

Pode-se ressaltar ainda que a música também conquistou o seu espaço, abrindo mais uma vez, os horizontes para a expansão da língua inglesa em nosso contexto social.

As pessoas ouvem música em casa, nos consultórios, nos elevadores, ginásios, festas, estágios, enfim, em todos os lugares e tipos de eventos. Hoje, as músicas americanas adquiriram grande destaque, jovens e adolescentes apreciam-nas de tal forma que professores de inglês utilizarem desse fascínio, para despertar nos alunos maior interesse pelas aulas.

Assim muitos cantores brasileiros estão aproveitando todo esse fascínio das pessoas pelas músicas americanas, também cantam canções em inglês, havendo ainda, aqueles que introduzem frases ou palavras em canções em português. Por exemplo: Marisa Monte “amor *I love you* ”; Paralamas do Sucesso “ *One more time*”, em sua canção “ Uma brasileira”. Além disso, diversos filmes americanos são encontrados nas telas de TV e cinemas e são sempre os mais procurados e preferidos pelo público.

De fato, a língua inglesa tem grande relevância no mundo, pois tanto a cultura como os produtos americanos possuem grande influência em nosso meio e é vista como um símbolo social de poder, prestígio, cultura e desenvolvimento tecnológico.

O conhecimento da língua estrangeira pode oferecer melhores salários e melhor utilização dos recursos disponíveis no mercado atual. No Brasil há uma grande procura por profissionais que tenham bom desempenho no idioma.

Por questões históricas, de domínio e econômicas, a língua inglesa se tornou a língua universal. O mundo fala inglês e para tanto, aqueles que querem se comunicar com o mundo é necessário que possuam certa proficiência dentro da língua inglesa.

A língua inglesa alcança uma dimensão e uma importância na sociedade moderna de tal maneira que cria expectativas quanto à posição que ela ocupará provavelmente no futuro. Toda essa influência americana tanto na língua como na cultura no Brasil, e até mesmo no mundo, está relacionada com a presença dos Estados Unidos no espaço mundial. Dessa forma,

os países periféricos não estão mais sendo dominados apenas pela força armada, mas pela matéria-prima do império cultural, (que é a língua), causada pela dependência econômica.

ESTRANGEIRISMO: DEFINIÇÃO, INCLUSÃO E IMPLICAÇÕES LINGUÍSTICAS.

Observa-se cada vez mais o uso frequente de palavras e expressões oriundas de outras línguas, essas manifestações linguísticas são chamadas de estrangeirismos, ou empréstimos linguísticos.

Estrangeirismo, como revela Garcez e Zilles (2001, p. 15), “é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas”. O que também pode ser chamado de empréstimos. Bagno (2001, p. 49) define estrangeirismo como sendo “termos e expressões de outras línguas que estão cada vez mais empregados na língua e na escrita no Brasil”.

Já Faraco (2001, p. 9) define: “estrangeirismos são palavras e expressões de outras línguas, usadas corretamente em algumas áreas do nosso cotidiano.” Ou seja, estrangeirismo é o uso de palavras originárias de outras línguas e que não possuem uma palavra correspondente em nosso idioma, não sofrendo qualquer alteração em sua escrita e pronuncia, como no caso de *Iceberg*.

Nesse processo constante ocorrem as mudanças linguísticas. A língua perde e adquire novos termos. As palavras que são criadas para nomear as inovações dos diversos ramos da atividade humana seja arte, tecnologia, ciência, política ou economia, são denominados neologismos, do latim *neo* (novo), e do grego *logos* (palavra). Como explica Carvalho (1997, p. 8):

Os neologismos são a mostra mais patente da mudança na língua, processo que passa muitas vezes despercebido pelos seus usuários falante/escritor, leitor/ouvinte. No desenrolar deste processo constante de mudança, os neologismos vão caindo no uso comum, popularizando-se. Assim aconteceu com termos como: hipermercado, biologia, boia-fria, etc.

Além da criação de novos termos, na própria língua, a renovação lexical também se dá pela adoção de termos provenientes de outras línguas é o caso dos empréstimos linguísticos que são palavras ou expressões originárias de outras línguas e que foram incorporadas na nossa sofrendo adaptações e modificações em sua construção, como na palavra estresse originalmente do inglês *stress*. Segundo Carvalho (1997, p. 55):

Os empréstimos são neologismos por adoção, ou seja, a palavra estrangeira que é incorporada à língua. O empréstimo tem sua origem no momento em que objetos, conceitos e situações nomeados em língua estrangeira transferem-se para outra cultura. Mas esta transferência não se dá bruscamente, isto porque os falantes da língua receptora resistem no primeiro momento, porque seus hábitos fonéticos e a correlação habitual entre os fonemas e sua transcrição (no caso da língua escrita) criam dificuldades à importação do termo.

A incorporação destas palavras ao léxico segue um processo gradual, hoje de forma mais acelerada graças às tecnologias de comunicação e a globalização, sendo a internet, por exemplo, a maior rede de comunicação via computador no mundo.

Apesar do grande número de vocábulos existentes na língua portuguesa, o português vem sendo substituído por palavras e expressões estrangeiras em diversos setores já citados nesse artigo. Principalmente por palavras de origem Inglesa, os chamados anglicismos. Atualmente, no Brasil, os anglicismos representam o maior número de empréstimos linguísticos se comparados com palavras de outras línguas.

O inglês, como se tem conhecimento, é a principal língua da globalização, faz parte de um grande processo de integração entre as economias de vários países, envolvendo a produção de mercadorias e serviços aos mercados financeiros e envolvendo, ainda, a área de informações e comunicações. Nesse caso, não é de se estranhar que o inglês exerça grande influência no mundo inteiro inclusive no Brasil.

Hoje, por causa dessa expansão global, nos vemos rodeados por esses estrangeirismos e por essa influência cotidianamente. Muitos dos que discutem essa questão parecem crer que os estrangeirismos sejam um fenômeno exclusivo do momento histórico representando uma astuciosa invasão estrangeira por meio da língua. Garcez e Zilles (2001, p. 24) destacam essa ocorrência:

Observando a frequência, de fato muito grande, de elementos da língua inglesa no português brasileiro, presença que também se observa em outras línguas como o alemão, há quem creia que os desígnios do imperialismo anglo-americano estariam sendo executados ao se minar o pensamento dos falantes de português com elementos da língua inglesa.

O site Novo Milênio destaca um artigo publicado no jornal Folha de São Paulo na edição de 15 de janeiro de 1998, pelo ex Presidente da Academia Brasileira de Letras, Professor Arnaldo Niskier, sob o título “Na ponta da língua inculta e bela”, produzindo um texto em defesa da Língua Portuguesa. Nesse artigo ele já advertia do risco da invasão estrangeira e da falta de cuidados que grande parte da população tem ao falar e escrever nossa língua materna.

No ano de 1999 o projeto de Lei N° 1676, do então ex-deputado, atual Ministro dos Esportes, Aldo Rebelo, que proíbe o uso de estrangeirismos causou muitas polêmicas sobre esse assunto. O projeto visava conservar a língua nacional, que é idealizada para muitos como pura e única e os estrangeirismos além de serem vistos como uma língua invasora prejudicaria a compreensão daqueles que não conhecem a língua estrangeira.

Ainda no site Novo Milênio traz um artigo com o nome “O buraco é mais embaixo” publicado pelo jornal Folha de São Paulo na edição de 10 de agosto do ano 2000, o Professor Pasquale Cipro Neto disse que “o grande mérito do projeto de lei do deputado Aldo Rebelo foi colocar em discussão o uso de estrangeirismos, mas que não acredita em leis a respeito disso”.

Nesse artigo, Pasquale (2000, p. 2) afirma que:

Como dizia Vinícius de Moraes, o buraco é mais embaixo. É preciso separar as coisas. Há o estrangeirismo que supre carências e enriquece a língua, e há o tolo, metido, babaca, usado para fins pouco nobres. Este não precisa de leis, mas de educação, de cultura, de amor à tradição. O ideal seria que a própria sociedade, culturalmente forte, ridicularizasse estupidezes como a colocação em lugares públicos da saboneteira em que se lê "push" em vez de "pressione" ou "aperte", ou o "Memorial da América Latina", pura macaquice americanóide. "Memorial", em português, não corresponde ao "memorial" do inglês. Se alguém duvidar, leia "Memorial de Aires", de Machado, ou "Memorial do Convento", de Saramago.

Esse aumento de anglicismos no Brasil para muitos linguistas, autores, e estudiosos é uma questão comum, porém como se percebe há aqueles que discordam sobre o argumento de que é preciso defender a língua contra essas invasões, criando leis ou levantando polêmicas para tentar proibir o uso dos estrangeirismos. Ainda sobre a visão de Garcez e Ziles (2001, p. 29-30):

O estrangeirismo ameaça a unidade nacional porque emperra a compreensão de quem não conhece a língua estrangeira. Isso seria equivalente a afirmar que um enunciado como “Eu baixei um programa de computador novo” seria plenamente compreensível por todos os brasileiros de qualquer rincão independente do nível de instrução das peculiaridades regionais da fala e escrita, porque não contém estrangeirismos, mas isso não se passaria como o enunciado “Eu fiz um *download* de *software* novo”, que seria incompreensível a qualquer brasileiro que não conhece inglês.

Entretanto, proibir o uso dos estrangeirismos seria impossível, pois eles estão presentes em todos os setores e lugares, sem contar que o conhecimento da língua inglesa se torna a cada dia mais indispensável.

De acordo com Moita Lopes (1999, p. 432), é “inegável a importância de se aprender inglês em um mundo em que as fronteiras nacionais são perpassadas pelo uso do inglês

devido ao poder da economia norte-americana no chamado mundo globalizado”. E ainda sobre o olhar de Faraco (2001, p. 13):

As pessoas que pensam que a língua brasileira está ameaçada com a entrada de palavras estrangeiras – como ocorre com o vocabulário da informática, das finanças e dos esportes – não observam a aplicação dos estrangeirismos. Quase sempre o importado aparece em co-ocorrência com um equivalente nacional, sinal de que os falantes estão experimentando para ver se ficam com a palavra de fora ou se vão simplesmente descartá-la.

A língua nos permite contemplar a construção da identidade de um povo e sua trajetória ao longo do tempo, bem como suas marcas refletidas no mundo. O português é o exemplo de um idioma que sofreu muitas modificações ao longo da história.

Como querer isolar então uma língua que influenciou e já foi tão influenciada por outras em sua formação? E quanto ao Latim, que é a língua mãe do português, seriam as palavras vindas desse idioma consideradas estrangeirismos?

Em nosso português há muitas palavras que vieram de outras línguas. Além do inglês que é o foco de nossa discussão. Do Árabe vieram palavras como álcool, alface, alqueire. O Francês trouxe abajur, chofer, butique, buquê, purê, toalete entre outras. O que se entende é que não há uma língua pura.

O contato com outras culturas e línguas e a necessidade dessa troca de relações entre as nações torna ainda mais fácil e compreensível essas mudanças e aquisições que a língua oferece e permite. É como defende Oliveira (1998, p. 46):

Não podemos nos dar ao luxo de nos encerrarmos dentro de nossas fronteiras nacionais. Mesmo porque [...] conhecer, assimilar culturas estrangeiras não significa subserviência a um novo tipo de colonialismo. A dependência econômica não supõe submissão. E, para obter muitas delas, precisamos de línguas estrangeiras [...] cultural e economicamente o mundo está mesmo se tornando uma aldeia global.

Também Gadotti e Romão (1998, p. 28) afirmam que “a dialética entre as culturas faz parte da própria natureza e da educação. Adquirir uma nova cultura não é negar a cultura primeira, mas integrá-la no processo de desenvolvimento humano e social.”

Realmente quando se aprende uma língua não se trabalha apenas com um sistema de signos; é um processo muito mais complexo, pois esses signos carregam significados culturais.

Os estrangeirismos não devem ser reprimidos ou vistos como prejudiciais a nossa língua, mas sim como uma forma de enriquecimento cultural e lexical.

No ponto de vista de Moura (2003, p. 13):

O estrangeirismo é essencial. Negar a influência de um idioma sobre outro é negar a natureza de todas as línguas. Cerca de 70% das palavras do português vêm do latim e o restante, de outros idiomas. Apesar da luta dos puristas de todas as épocas, as línguas vivem em constante aprimoramento. Ainda assim, acredito que uma eventual estratégia de defesa do idioma não deveria ser feita por decreto, mas pela melhoria do sistema educacional.

Qualquer língua viva está sujeita a modificações, de tal modo, o estrangeirismo faz parte desse processo. Atualmente com a facilidade de comunicação, torna-se impossível impedir a influência de uma língua sobre outra. E claro os países em desenvolvimento sofrem maior influência daqueles já consolidados financeiramente. Exemplo disto é a relação entre o Brasil e os Estados Unidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que toda língua é viva e dinâmica e da sua importância para os usuários, é relevante que questionemos a aceitação ou não desses estrangeirismos. Não se pode negar que os estrangeirismos fazem parte da vida dos brasileiros, e que é grande a influência norte-americana no Brasil e no mundo. Uma vez que a economia e o mercado tenham se tornados globalizados, os produtos e os processos tecnológicos, uniformizados, exigem a utilização de termos e de vocábulos de compreensão também global. Mas não se trata apenas de uma necessidade econômica ou de trabalho, as comunidades globais também interagem por meio de uma universalização de linguagem que certamente privilegia uma língua mais elitizada em detrimento de outra considerada menos expressiva.

Aceitar e utilizar os estrangeirismos, no entanto, não significa negar e desvalorizar a importância de nossa língua materna. Vive-se em uma sociedade democrática, que busca o desenvolvimento e a inovação, seria então incabível proibir as pessoas de agirem e pensarem livremente, quanto de se expressarem linguisticamente por meio de termos adquiridos de outras línguas e culturas. De qualquer forma, é interessante ressaltar que não se pode, em um mundo, cujo funcionamento tem se globalizado e cujas relações se fazem por meios como a televisão e a Internet, isolar completamente uma cultura ou uma língua. Mais importante seria tornar os usuários dessa língua cientes do fenômeno para que essa adoção de estrangeirismos seja meramente uma opção.

Na verdade, a existência de expressões e palavras estrangeiras de outras línguas não a torna mais frágil ou inferior, nem afeta o patrimônio cultural da nação, ao contrário, temos que ter em mente que o intercâmbio de culturas é sinônimo de progresso.

Considerando a língua um mecanismo vivo que se encontra em constante transformação, pode-se dizer que os estrangeirismos, embora presentes e atuantes em nosso cotidiano linguístico e cultural, não seriam capazes de substituir nosso idioma. Cabe ressaltar que a presença de vocábulos estrangeiros contribui para enriquecer qualquer língua, uma vez que os idiomas são palcos de mestiçagem e interculturalidade e que a língua simplesmente muda para atender as necessidades de seus falantes. É recomendável, no entanto, evitar exageros e, sempre que possível, explorar as infinitas possibilidades que a língua materna pode nos proporcionar. De forma que sem a pretensão de ter esgotado a pesquisa sobre o tema proposto com futuras reflexões acreditamos que os estrangeirismos não são ofensivos à língua materna como alguns autores acreditam, mas que são muito importantes para o enriquecimento de nossa língua e cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. Cassandra, fênix e outros mitos. In: FARACO, Carlos Alberto. (Org.). **Estrangeirismo: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001.

_____. Cassandra, fênix e outros mitos. In FARACO, Carlos Alberto. (Org.). **Português ou brasileiro?** 2. ed. São Paulo: Parábola, 2001.

BEDIM, J. G. L. **O simbólico-imaginário do professor em formação como possibilidade de um novo saber/fazer da língua inglesa**, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis.

BRASIL, **Diário da câmara dos deputados**. Projeto de Lei nº. 1676, de 1999, p. 52060-52063, 4 de novembro de 1999.

CADORE, Luís Agostinho. **Curso prático: literatura, gramática e redação 2º grau**. Programa Completo. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. **Estrangeirismo: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio. Escola Cidadã: a hora da sociedade. In: **Salto para o futuro: reflexões sobre a escola cidadã, projeto político pedagógico**. Brasília: Secretaria de Educação à distância, 1998.

GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria: Estrangeirismos, Desejos e Ameaças. In: Faraco, Carlos Alberto. (Org). **Estrangeirismos: guerras em torno da Língua**. São Paulo: Parábola, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002

MOITA LOPES, L. P. Fotografias da linguística aplicada no campo das línguas estrangeiras no Brasil. **DELTA**, vol. 15, nº Especial, 1999.

MOURA, Francisco Marto de. Revista NOVA ESCOLA, março de 2003.

NETO, Pasquale Cipro. **O buraco é mais embaixo**. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/idioma/19981112.htm>. Acesso em 02 outubro de 2014

NISKIER, Arnaldo. **Na ponta da língua inculta e bela**. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/idioma/19980115.htm>. Acesso em 02 outubro de 2014.

OLIVEIRA, S. R. de. Ideologia e ensino de línguas e literatura estrangeiras. In: Paiva, V. L. M. de (Org.). **Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências**. 2 ed. Campinas: Pontes, 1998.

PAIVA, Vera Lúcia M. de Oliveira. (Org.). A Língua Inglesa no Brasil e no mundo. In: **Ensino de língua inglesa: Reflexões e Experiências**. Campinas: Pontes, 1998.

TAYLOR, Charles et al. A política de reconhecimento. In: _____. **Multiculturalismo: Examinando a política de reconhecimento**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.